

LA NACION (Argentina)

EE.UU. y Brasil liman diferencias por el ALCA

BRASILIA.- El representante de Comercio de Estados Unidos, Robert Zöellick, cerró ayer una visita de dos días a Brasil que, según ambos gobiernos, contribuyó a zanjar distancias en lo que se refiere a las posiciones de los dos países respecto al proyecto del Area de Libre Comercio de las Américas (ALCA), previsto para 2005. "Vuelvo (a Washington) con la certeza de que podremos avanzar en las negociaciones del ALCA", expresó Zöellick, en una rueda de prensa conjunta con el canciller de Brasil, Celso Amorim, que le aseguró que el gobierno de Brasilia se dispone a continuar las conversaciones sobre el proyecto de integración hemisférica.

"No queremos abandonar las negociaciones", aseguró el canciller, que afirmó que la distancia entre las posiciones de ambas naciones respecto del rumbo de las negociaciones es menor de lo que parecería ser. "Se trata mucho más de una cuestión de énfasis", dijo Amorim, pero advirtió que ello no significa que todas las diferencias fueron resueltas.

En los contactos que sostuvo en Brasilia, Zöellick escuchó demandas por la apertura de negociaciones comerciales del tipo 4+1 entre Estados Unidos y el Mercosur, pero desde su llegada dejó en claro que eso no está en los planes de su gobierno. "El foco de mi visita a Brasil es el éxito de las negociaciones del ALCA. Obviamente, ello está en perfecta consonancia con lo que el presidente Lula da Silva ha dicho y con su papel de liderazgo en el Mercosur y en toda América del Sur", expresó el principal negociador comercial de Estados Unidos.

El canciller brasileño insistió ayer en la propuesta, aunque aclaró que el objetivo del gobierno local no es convertir en prioritarias las negociaciones entre el Mercosur y Estados Unidos. "Nunca propusimos el acuerdo 4+1 antes del ALCA. El tema es saber qué cabe en cada negociación. Así como Estados Unidos tiene temas muy sensibles, que sólo pueden ser solucionados en la Organización Mundial del Comercio (OMC), Brasil también tiene temas muy sensibles, así como nuestros socios del Mercosur", apuntó.

Las dificultades se centran, sobre todo, en la demanda de Brasil y de la unión aduanera del Mercosur de un mayor acceso a los mercados de Estados Unidos para los competitivos productos agrícolas sudamericanos y de mayores recortes en los subsidios de la Casa Blanca a sus productos agrícolas. Estados Unidos ya ha dicho que cualquier liberalización del comercio de productos agrícolas estará dictada por los progresos en la actual ronda de Doha de la OMC.

Hay un punto de coincidencia en esta lucha. Washington busca aliarse con Brasil en las negociaciones para que la Unión Europea (UE) suprima las barreras comerciales a los productos agropecuarios foráneos, según expresó Zöellick.

O ESTADO DE SAO PAULO (Brasil)

Acordo Mercosul-EUA não substitui Alca, dizem EUA

Brasília - O representante comercial dos Estados Unidos, Robert Zoellick, disse hoje que um eventual acordo bilateral Mercosul/Estados Unidos não substitui o processo da Alca. "Não é uma coisa ou outra. Uma coisa apóia a outra. O objetivo geral é abrir mercados", disse. Segundo ele, é preciso definir de que forma um acordo bilateral pode ser tratado dentro da Alca.

Zoellick deixou claro que o objetivo da visita ao Brasil é dar prosseguimento às negociações da Alca. "Esta é uma questão chave para mim", disse. Zoellick reconheceu as dificuldades de conciliar, na Alca, os interesses de 34 países com perfis econômicos diferentes.

Estrutura x substância

Zoellick disse que a imprensa brasileira tem dado muita ênfase à estrutura das negociações. "Há muita coisa importante de substância. Então, acho que vocês não deveriam só se preocupar com a estrutura. O importante é que o nosso objetivo é acesso a mercados e mais crescimento econômico", disse.

O representante comercial dos Estados Unidos reafirmou a disposição do governo norte-americano de tratar a questão dos subsídios agrícolas na Organização Mundial de Comércio (OMC). Segundo ele, o assunto deve ser discutido entre os presidentes Lula e George W. Bush dia 20 de junho em Washington.

Parceiro vital

"A nossa mensagem principal aqui, seja em que foro se der as negociações, é que o Brasil é um parceiro vital no hemisfério, e desejamos aprofundar um relacionamento que já é bom", disse. "Estou deixando o País, apesar das dificuldades inerentes ao processo, convencido de que podemos avançar muito se continuarmos com as conversas", afirmou.

Zoellick confirmou que, dia 6 de junho, os Estados Unidos assinarão um acordo de livre comércio com o Chile. Também disse que os EUA devem prosseguir as negociações com Singapura e com os países da América Central.

GAZETA MERCANTIL (Brasil)

Brasil, como os EUA, quer levar temas sensíveis à OMC

Brasília, 29 de Maio de 2003 - Zoellick diz que eventual acordo com Mercosul complementaria a Alca. O ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, disse ontem que, assim como os Estados Unidos só aceitam negociar a redução dos subsídios agrícolas na Organização Mundial do Comércio (OMC), o Brasil considera que temas como propriedade intelectual, investimentos, compras governamentais e serviços - setores nos quais os EUA têm forte interesse -, poderiam ser melhor tratados na OMC do que na Área de Livre Comércio das Américas (Alca).

A colocação de Amorim é feita um dia depois do representante de Comércio da Casa Branca, Robert Zoellick, ter dito que aos EUA interessa mais negociar a Alca do que um acordo de livre comércio com o Mercosul, o que reativaria o mecanismo 4+1 - os quatro sócios do Mercosul (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) e os EUA.

Amorim almoçou ontem com Zoellick. "A distância entre nossas idéias não é tão grande quanto possa parecer. O 4+1 não é uma abordagem no lugar da Alca, mas que visa a focalizar aspectos que nos interessam mais, como o de acesso a mercados num processo de negociação Mercosul/Estados Unidos. Isso é uma consequência de os Estados Unidos terem feito ofertas diferentes para os vários grupos regionais", explicou Amorim.

Zoellick reiterou que um eventual acordo bilateral não substitui o processo da Alca. "Uma coisa apóia a outra. O objetivo é abrir mercados e trazer mais crescimento econômico", disse, admitindo as dificuldades de conciliar os interesses dos 34 países que negociam a Alca.

Amorim deixou claro que não é de interesse do Brasil abandonar a Alca. Mas da mesma maneira que os EUA têm temas sensíveis, que só podem ser resolvidos na OMC, o Brasil também tem temas sensíveis que seriam melhor encaminhados num ambiente multilateral global. "Não quero dizer que todos os problemas foram resolvidos, mas foi um encontro franco e claro. Buscamos soluções dentro de um espírito de pragmatismo e de cooperação com o objetivo de encontrar o melhor caminho para possibilitar que o processo da Alca seja finalizado no prazo que foi a princípio acordado", disse Amorim.

De acordo com Amorim, os dois países concordam que há três trilhos: o primeiro é o trilho multilateral da Alca; o segundo é o trilho 4+1, pelo qual se negociaria acesso a mercados; e o terceiro é a OMC. "Dentro dessa abordagem pragmática deve ser definido o que entra em que trilho. É preciso fazer uma triagem", disse o chanceler brasileiro.

Brasil e EUA confirmam que deve haver um acordo-quadro da Alca. Quanto mais leve for o acordo-quadro, mais fácil será concluí-lo no prazo acordado - a Alca entraria em funcionamento em janeiro de 2005. Agora, resta examinar, metodologicamente, o que cada um considera que possa ser negociado no 4+1, no acordo-quadro da Alca ou ainda o que é tão sensível que deva ficar para uma questão posterior ou para a OMC. Esse processo pode estar terminado no final de junho.

EUA e Brasil acham que o tema agrícola deve ter foco central na OMC. "Podemos ter diferenças de tática sobre como levar a União Européia a flexibilizar sua posição e concordamos que a reforma da política agrícola comum pode não ser uma condição suficiente, mas é necessária para que haja progresso em agricultura", disse Amorim. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva deve discutir o assunto no encontro que terá com o presidente americano George W. Bush, no dia 20 de junho, em Washington.

Zoellick disse ontem que "a mensagem principal é que o Brasil é um parceiro vital no hemisfério." Já Amorim ressaltou a importância de fortalecer o Mercosul que, junto com a América do Sul, são prioridade para a política externa brasileira. Mais tarde, Zoellick reuniu-se com o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues. Reafirmou que a questão dos subsídios internos devem ser discutidos na OMC. Segundo as regras da OMC, os EUA têm disponíveis quase US\$ 1 bilhão para subsidiar as exportações, pagando a diferença entre o preço de mercado e o custo de produção ao agropecuarista. Para o ministério da Agricultura, se a desgravação for em até 12 anos já é um bom prazo.

EL MERCURIO (Chile)

Empresarios de EE.UU. dicen que hay amplio consenso para aprobar TLC

Gran optimismo de que el Congreso de Estados Unidos aprobará por un amplio margen el Tratado de Libre Comercio (TLC) con Chile durante el segundo semestre de este año expresó el presidente de la Corporación TLC Chile-Estados Unidos, el empresario William Lane.

La certidumbre de Lane, quien lidera una alianza de 250 compañías liderada por firmas como Carterpillar, UPS y Locked Martin, es tan fuerte que el empresario norteamericano afirmó que "queremos barrer en el Congreso" y adelantó que al menos entre 280 y 300 miembros de la Cámara de Representantes - que en total está formada por 420 congresistas- se pronunciarán a favor del acuerdo con Chile.

"Todos los republicanos y la mitad de los demócratas van a apoyar el TLC", dijo Lane.

Según confirmaron el martes tanto la Casa Blanca (Washington) como La Moneda (Santiago), el acuerdo comercial entre Estados Unidos y Chile se firmará el 6 de junio próximo en Miami.

Las auspiciosas proyecciones de Lane se basan en que, según el dirigente empresarial, el tratado con Chile es muy importante para Estados Unidos, pero al mismo tiempo no alcanza a ser un amenaza para los productores norteamericanos debido al reducido tamaño de nuestra economía.

Lane afirmó que el TLC con Chile es excelente y aborda temas que muchas veces quedan fuera de este tipo de acuerdos como la industria del acero, los textiles y el agro.

Junto con Singapur

"Queremos que esta discusión nos permita reconstruir un bloque bipartidista por el libre comercio, el que no ha existido (en Estados Unidos) durante los diez últimos años", dijo Lane.

El empresario también expresó su confianza de que el acuerdo comenzará su tramitación parlamentaria en conjunto con el TLC firmado entre Estados Unidos y Singapur, el cual tiene como última fecha posible para ingresar al congreso norteamericano el 6 de julio.

De todas formas, Lane manifestó estar seguro de que el acuerdo, que será firmado el próximo 6 de junio en Miami, estará en vigencia a principios del próximo año.

Una de las mayores cualidades que Lane asignó a la firma del TLC con Chile es que el acuerdo se transformará en una suerte de ejemplo para el proceso de negociación del Acuerdo de Libre Comercio de las Américas (ALCA) que actualmente desarrollan todos los países del continente - con excepción de Cuba- y que debería culminar en diciembre de 2004.

Se prepara el "team Chile"

Para que todo el proceso de tramitación del TLC no se detenga tras la firma del acuerdo el próximo 6 de junio, la Cámara de Comercio Chileno-Norteamericana (Amcham) está organizando el "team Chile", un equipo formado por representantes del Gobierno y un nutrido grupo de empresarios que viajará a Estados Unidos en septiembre para ayudar a la aprobación del acuerdo de libre comercio.

Como parte de esta misma estrategia, el presidente de Amcham, Richard Diego, dijo que su agrupación informará a los legisladores norteamericanos de los beneficios que tendrán sus respectivos estados con el Tratado de Libre

EL COMERCIO (Perú)

Afirman que América Latina aún no cree en integración como motor del progreso

Washington (dpa).- En América Latina aún se resiste la idea de que la integración es el único camino hacia la prosperidad, y mientras no acepten esa premisa, no habrá desarrollo posible, dijo hoy en Washington un alto funcionario de la Cancillería española.

Los latinoamericanos deben darse cuenta que "las cosas no les van a caer del cielo", sino que hay que trabajar para lograrlas, y deben dejar de dar discursos sobre lo positiva que es la integración y realmente empezar a creerlo, indicó el subdirector general de Países de la Comunidad Andina del Ministerio de Exteriores de España, Ernesto de Zulueta y Habsburgo Lorena.

El funcionario dijo que la mayor parte de la población latinoamericana no cree en la integración, y que en muchos casos tampoco los dirigentes políticos, aunque en el discurso digan otra cosa.

Como ejemplo, dijo que cuando Valentín Paniagua era presidente de Perú, hubo una conferencia sobre integración y libre comercio en la que el mandatario disertó, pero que después un miembro de la Comisión Europea le dijo a De Zulueta que Paniagua "le dio todos los argumentos por los cuales no deberían seguir adelante con el proceso" integrador.

"Tienen que darse cuenta que las cosas no les van a caer del cielo, que tienen que trabajar para ello. Y una de las condiciones que todavía no se ve para nada en los países andinos es la confianza. Incluso en el Mercosur" (Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay), señaló.

En América Latina "no se ve una real consciencia de todos los ciudadanos de que 'esto será bueno para nosotros'. Igual que el concepto de soberanía, en América Latina y especialmente en la Comunidad Andina, los procesos de integración se ven como que 'estamos cediendo parte de nuestra soberanía", fustigó el funcionario.

En el caso de los países andinos, de Zulueta dijo que en la página web en Internet de la Comunidad Andina de Naciones (CAN) "uno se maravilla de las cosas maravillosas que han hecho y cómo tienen una política agrícola común, y después uno va a esos países y la realidad es totalmente diferente".

"Es la aplicación del realismo mágico a la realidad virtual", ironizó.

Pero el español ve lugar para la esperanza, ya que "la región andina se dio cuenta el año pasado que estaba quedándose atrás", porque la Unión Europea (UE) ya estaba concluyendo negociaciones de libre comercio con Chile, las había concluido con México, y estaba empezándolas con el Mercosur.

De Zulueta señaló que los andinos "se dieron cuenta que si no hacían algo rápido, iban a perder el tren, y empezaron a intentar acelerar la creación de una unión aduanera", aunque advirtió que de todas maneras, "va a tomar algún tiempo".

Señaló que un acuerdo con la UE será posible sólo si antes hay una integración real a nivel interno en la CAN.

"Hemos empezado a identificar cooperación política y económica para establecer cuáles son los objetivos en común (entre la CAN y la UE), como fortalecimiento de la democracia, lucha contra la pobreza, identificar asuntos para la erradicación de las drogas, y al mismo tiempo tratar de aumentar las inversiones y las relaciones económicas con esos países", explicó.

"La idea es que una vez que tengamos la cooperación y un acuerdo político, probablemente tengamos las condiciones para una asociación en el futuro", dijo, pero insistió en que el principal obstáculo es que en realidad, "algunos de estos países no necesariamente creen en los procesos" de integración.

EL PAIS (Uruguay)

Brasil se desmarcó del "4+1"

BRASILIA - El canciller brasileño, Celso Amorim, aseguró ayer que Brasil no ha propuesto a Estados Unidos negociar un acuerdo de libre comercio con el Mercosur en la fórmula 4+1 como paso previo a la construcción del Area de Libre Comercio de las Américas (ALCA).

"He dicho que el 4+1 no es en lugar del ALCA, es una cuestión de foco, de énfasis. Lo que dije es que íbamos a explorar al máximo, profundizar las posibilidades del 4+1", dijo el ministro visiblemente irritado en una conferencia de prensa en la que compareció con el representante comercial estadounidense, Robert Zoellick, que se encuentra en la capital de Brasil, país con el que copreside la negociación del ALCA.

Amorim explicó que Brasil había pensado en explorar esa vía porque quiere fortalecer el Mercosur, que integra junto a Argentina, Paraguay y Uruguay, ya que lo que le interesa a Brasilia es sobre todo el acceso a los mercados, y por último, porque muchos capítulos sensibles obstaculizan los avances en el ALCA.

INSISTENCIA. Por otra parte, Brasil insiste en que asuntos como las inversiones, los servicios y las compras gubernamentales sean discutidos en el ámbito de la Organización Mundial de Comercio, mientras que Estados Unidos quiere dejar también fuera del ALCA la agricultura, sector de vital importancia para las autoridades brasileñas.

Zoellick dijo que de todas formas, el Mercosur y Estados Unidos ya cuentan con un proceso negociador 4+1 desde 1992, en referencia al acuerdo marco "Jardín de las Rosas" y que el bloque sudamericano tendrá un papel que jugar en las discusiones del ALCA.

El representante estadounidense, que ha desplegado en Brasilia durante dos días una intensa actividad de encuentros con los ministerios involucrados en la negociación, criticó que el interés se centre en la estructura arquitectónica de las negociaciones, en vez de pensar en suprimir las barreras al comercio, que permitan bajar los precios y fomentar el crecimiento.